



Zilda Maria Beltrão Fraletti

zildafracletti@revistalush.com.br

Zilda Fraletti graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

Arte sem fronteiras

Dos locais tradicionais aos mais inusitados, ela invade as ruas e marca presença nas mais variadas situações de nosso cotidiano.

Pensadores de diversas áreas do conhecimento humano ocupam-se em definir o que é arte. O assunto está distante de ser pacífico. Tolstoi diz que ***“A arte começa quando um homem, com o propósito de comunicar aos outros um sentimento que ele experimentou certa vez, o invoca novamente dentro de si e o expressa por certos sinais exteriores”***.



A arte é, portanto, uma forma de linguagem humana, que não precisa estar necessariamente relacionada com a idéia de beleza. Ela é mais ampla. Até há pouco tempo atrás, era vista como algo sacralizado, inatingível, reservado para espaços de museus aos quais pouco se tinha acesso. Mas desde que Marcel Duchamp inventou o ready-made, em 1913, surgiu a idéia de que a obra de arte só se completa com a interpretação

do espectador.

No mundo contemporâneo, a arte passou a acontecer nas ruas, deixou de ser composta apenas por telas, desenhos e esculturas e passou a se expressar por meio de instalações, intervenções urbanas, fotografias, vídeos, performances, manifestos e outros meios não ainda completamente definidos. Portanto, os conceitos estabelecidos necessitam de renovação constante.



O famoso Vestido "Mondrian" criado pelo estilista Yves St. Laurent em sua coleção de Outono de 1965.

Chapéu em forma de Sapato, criado por Elsa Schiaparelli e Salvador Dalí.



Vestidos de papel de Jum Nakao, na performance-desfile Primavera-Verão 2004/2005, na São Paulo Fashion Week.



Helio Oiticica criou os "Parangolés"- capas para serem vestidas -incorporação do corpo na obra e da obra no corpo

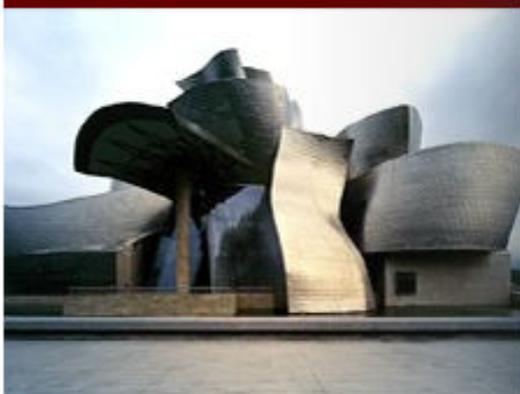
As artes visuais estabelecem um diálogo com outras áreas. É o que acontece, por exemplo, com a arquitetura, que tem erguido museus que mais se aproximam de esculturas como o Guggenheim, de Frank Gehry, na cidade espanhola de Bilbao e a recém inaugurada sede da Fundação Iberê Camargo, de Álvaro Siza, em Porto Alegre.

Outro exemplo de aproximação da arte com outras áreas é a moda. Estilistas convidam artistas visuais para criar estampas, fazer performances durante seus desfiles e buscam inspiração

na sua produção. Peças inusitadas como o famoso "chapéu de sapato", de Elsa Schiaparelli e Dali, explicitam o envolvimento de estilistas com a arte. Isto sem falar no clássico vestido "Mondrian", criado em 1965 por Yves Saint Laurent. O desfile-performance que Jum Nakao realizou na São Paulo Fashion Week em 2004, quando as **modelos rasgaram os vestidos de papel primorosamente recortados** ao final do desfile, ganhou notoriedade e evoluiu para uma exposição que pôde se vista no Museu Oscar Niemeyer.

Bancos e cadeiras de Philippe Starck expostos no Centro Georges Pompidou (Museu Beaubourg) em Paris.

O Museu Guggenheim, em Bilbao (Espanha) projetado por Frank Gehry e construído em aço e titânio é uma escultura arquitetônica.



Museus ao redor do mundo realizam exposições de criações de estilistas. Nos anos 60, no Brasil, Lygia Clark e Hélio Oiticica criaram obras para serem vestidas.

O artista japonês Takashi Murakami, que está expondo no Brooklyn Museum (NY), já desenhou bolsas para a Louis Vuitton, que abriu ao público uma loja no interior do MOCA (Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles), inserida na exposição do artista para comercializar suas criações. O Centro Georges Pompidou, em Paris, tem duas salas dedicadas a objetos

de Philippe Starck. Enfim, o leque é amplo. O papel das artes está mudando, assim como o modo de compreensão do mundo; mas não se pode esquecer que a arte, apesar de se misturar, não pode ser confundida, pois seu valor é independente e caracterizado pela pluralidade de interpretações.

O artista deve ser livre para criar sem se preocupar com função e propósito. Cada um de nós pode interpretar seu trabalho de maneira diferente. Nisto reside o sentido das grande obras. ▲

Marcel Duchamp
Ready Made
"Roda de Bicicleta".



Bolsa da Louis Vuitton
com arte de Takashi
Murakami.

